

OS COLETIVOS NA CIDADE DE POÇOS DE CALDAS (MG):

Uma estratégia de intervenção social

COLLECTIVES IN THE CITY OF POÇOS DE CALDAS (MG):

A strategy for social intervention

Ana Paula Ferreira^(*)

Cleiton Donizete Corrêa Tereza^(**)

Laureen Gabriele Mallmann^(***)

Resumo

O artigo analisa brevemente a importância histórica dos movimentos sociais, sua emergência e desenvolvimento, contextualizando-se com os movimentos locais. Abordamos a importância dos movimentos sociais na cidade de Poços de Caldas, com ênfase nas práticas realizadas pelo Coletivo Educação, que, desde seu surgimento, segue na luta por uma educação pública, laica e de qualidade. Concluímos que, a depender do período político, as ações realizadas por movimentos sociais seguem ora de modo fortalecido, ora diminuído, mas sempre basilares.

Palavras-chave: Coletivos. Educação. Movimentos sociais.

Abstract

The article briefly analyzes the historical importance of social movements, their emergence and development, contextualizing them with local movements. We contextualize the importance of social movements in the city of Poços de Caldas, with emphasis on the practices carried out by Coletivo Educação, which since its inception, has continued to fight for public, secular and quality education. In conclusion, depending on the political period, the actions carried out by social movements are sometimes strengthened, sometimes diminished, but always fundamental.

Keywords: Collective. Education. Social movements.

INTRODUÇÃO

Há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados) e há os que se deslocam porque devem (os engajados para usar uma expressão cara aos anos 1960 – os comprometidos com os outros, com uma causa) (BRANDÃO, 2008, p. 40).

(*) Mestre em Educação (Unifal); especialista da Educação Básica da Rede Estadual. *E-mail:* anapaulakarenina@yahoo.com.br.

(**) Doutor em Ciências pelo Programa Humanidade, Direitos e Outras Legitimidades - Diversitas - USP; professor de História na Rede Pública do Estado de Minas Gerais e do Município de Poços de Caldas. *E-mail:* cleitondct@gmail.com.

(***) Mestranda em Saúde e Educação na Infância e Adolescência (Unifesp); professora de teatro do Município de Poços de Caldas. *E-mail:* mallmann@unifesp.br.

Lembramos com carinho de uma noite fria de 2015, quando o professor Carlos Rodrigues Brandão recebeu, na Rosa dos Ventos, sítio comunitário que idealizou, no povoado de Pocinhos do Rio Verde, no Município de Caldas, Sul do Estado de Minas Gerais, uma pequena comitiva do Coletivo Educação de Poços de Caldas. Entre uma colherada e outra na sopa, mergulhando nela pedaços de pão, Brandão explanava sobre projetos sociais, viagens e descobertas, iniciativas na educação e a convivência com os netos. Falava sobre vida em seu sentido mais utópico e concreto, com poesia, relatos de dificuldades e perspectivas para o futuro. Voltamos com ânimo para nossas casas, a obra *O menino que lia o mundo* autografada e muito no que pensar e fazer. Esse foi um dos momentos de simbiose entre Carlos Brandão e o Coletivo Educação, porque eram mais que encontros.

O movimento social Coletivo Educação de Poços de Caldas iniciou suas atividades no início de 2015. Especialmente em seus primeiros dois anos, teve incentivo e estabeleceu parcerias com Carlos Brandão, de forma que suas ideias permanecem incorporadas nesse grupo, o qual segue atuante. Cabe esclarecer que, entendemos como movimentos sociais as ações sociais coletivas de natureza sociopolítica e cultural, que permitem às pessoas organizarem-se e expressarem, de diversas formas, seus pleitos (GOHN, 2008). Historicamente, os movimentos sociais constroem representações simbólicas afirmativas por meio de discursos e práticas, possibilitando a seus participantes sentimentos de pertencimento social.

Os movimentos progressistas fazem diagnósticos da realidade social. Também desenvolvem suas propostas de ação, preferencialmente se articulando em redes colaborativas, lutando pela inclusão social e desenvolvendo empoderamento dos atores da sociedade civil organizada, visto que se afirmam como sujeitos sociais.

Este artigo analisa brevemente a importância histórica dos movimentos sociais nas últimas décadas, sua emergência e desenvolvimento, contextualizando com os movimentos locais, apresentados no decorrer do texto. Por fim, descreve as ações do Coletivo Educação, que defende a educação pública, laica, gratuita, presencial e de qualidade, tendo como uma de suas referências mais importantes a pessoa e a obra de Carlos Rodrigues Brandão¹.

¹ Embora este artigo apresente três autores, como determinam as limitações normativas da publicação, salientamos que outras integrantes do Coletivo Educação colaboraram na pesquisa e escrita, sendo elas: Érika Cristine da Silva, Fernanda Mendes Resende e Marcelle Santos Móras.

EFERVESCÊNCIAS DA VIRADA DO MILÊNIO AOS DIAS ATUAIS

No fim do ano de 1999, eventos ocorridos em Seattle, cidade portuária situada no Estado Washington, no Nordeste dos Estados Unidos da América, surpreenderam o mundo. A cidade, marcada pelo clima frio e, nos anos anteriores, pelas bandas de *rock*, como Pearl Jam, Soundgarden, Alice in Chains e Nirvana, foi palco de dias de protesto por novas demandas e formas de atuação que ainda não haviam sido veiculadas com tamanha força nos noticiários pelo mundo. A Batalha de Seattle levou ao nível máximo de articulação e presença dos movimentos sociais antiglobalização dos anos 1990 (como o de Chiapas, no México, em 1996, conduzido pelos zapatistas mexicanos), e, ao mesmo tempo, inaugurou uma era de movimentos sociais e manifestações pelo mundo. Seattle foi mesmo a rodada do Milênio, mas não nos moldes que haviam sido planejados pelos capitalistas (GOHN, 2002; LEAL, 2019).

Embora a globalização seja um processo longo, perpassando séculos, foi nos anos 1990, com avanços tecnológicos popularizados, destacadamente o advento da internet, que o debate sobre as fronteiras estatais, nacionais e de direitos ganhou maior concretude e complexidade. Por um lado, o capital, por meio de empresas multinacionais e/ou transnacionais, governos neoliberais e suas agências (BIRD, Banco Mundial, FMI, OCDE, OMC, entre outras), questionavam as barreiras para a livre circulação de mercadorias, capitais e exploração da força de trabalho. Por outro, os movimentos sociais e intelectuais progressistas, em defesa das pautas ambientais, trabalhistas, fundiárias, estudantis e humanitárias, denunciavam que as propostas de globalização sob a égide da voracidade capitalista conduziriam à devastação ecológica e à desigualdade social em uma dinâmica cada vez mais perversa. Como escreveu Milton Santos (2008, p. 30):

Esse sistema (de internacionalização) de forças pode levar a pensar que o mundo se encaminha para algo como uma homogeneização, uma vocação a um padrão único, o que seria devido, de um lado, à mundialização da técnica, de outro, à mundialização da mais-valia.

Diante desses embates, estava posta uma situação que, naquele momento, apresentava-se como decisiva para os movimentos sociais: a Terceira Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC), chamada pela imprensa de Rodada do Milênio, com a representação de 134 países, que fechariam acordos que permitiriam o avanço das pautas da globalização sob o espectro do capitalismo neoliberal, selando, assim, o destino mundial para o século XXI. Diante disso, cerca de

50 a 100 mil pessoas, dependendo da fonte, coordenadas por sindicatos, organizações estudantis, grupos anarquistas e ONGs, reuniram-se em Seattle para protestarem contra o encontro internacional (LEAL, 2019).

Conquanto as autoridades já esperassem pelos protestos, organizados durante meses, não contavam com o grande número de manifestantes que tomou as ruas. Militantes de Seattle, de outras partes dos Estados Unidos, de outras partes da América e de outros continentes se articularam, usando principalmente a internet, protestando em diversos pontos da cidade e de diferentes maneiras. Tiveram início com tons lúdicos e festivos, mas não demorou muito para ganharem traços violentos, impulsionados pela ação descoordenada e agressiva da polícia. O resultado foi que a agitação se alastrou pela cidade, com lixeiras queimadas, prédios e automóveis quebrados, bombas de gás, balas de borracha e ativistas presos, que precisaram ser transportados em ônibus devido à grande quantidade.

O fracasso da Rodada do Milênio foi notório, já que muitos participantes não conseguiam nem chegar ao local do evento (Hotel Paramount), e a imprensa passou a cobrir mais o que acontecia nas ruas do que o planejado para acontecer pelos senhores capitalistas, estes afetados pela pressão dos movimentos sociais (BATALHA..., 2007).

As novas estratégias de articulação e pautas encampadas e divulgadas em Seattle, somadas a outras experiências, continuam a reverberar. Ainda pelo viés dos movimentos antiglobalização, seguiram-se outros protestos, ganhando contornos dramáticos em Gênova (Itália), em 2001, que chocou o mundo após a morte de Carlo Giuliani, de 23 anos, atropelado e arrastado. Contudo, no início dos anos 2000, os movimentos passaram a ganhar cada vez mais o tom de luta por outra globalização, como expressaram os Fóruns Sociais Mundiais, estes herdeiros e aprendizes das novas dinâmicas organizacionais autônomas de ativismo, que têm relações com todo um legado histórico de lutas que remete ao menos até os anos 1960, em especial, a maio de 1968, e contribuíram com a forma que passamos a conhecer como coletivos.

Cabe ressaltar que, nos anos 2010, ocorreu uma série de movimentos pelo mundo que se relaciona intimamente com as formas associativas dos coletivos por pautas políticas, sociais, ambientais, em contextos distintos e por temáticas também diversificadas, para ficarmos no campo de contestação direta ou por consequência às opressões imperialistas e coloniais capitalistas no mundo globalizado. A Primavera Árabe, os indignados na Espanha, o Occupy Wall Street e as Jornadas de Junho no

Brasil são exemplos de movimentos de contestação emblemáticos². Castells, que analisou esses movimentos, afirma:

Quando as sociedades falham na administração de suas crises estruturais pelas instituições existentes, a mudança só pode ocorrer fora do sistema, mediante a transformação das relações de poder, que começa na mente das pessoas e se desenvolve em formas de redes construídas pelos projetos dos novos atores que constituem a si mesmos como sujeitos da nova história em processo (CASTELLS, 2013, p. 170).

As insatisfações crescem diante de horizontes extremamente limitados, de vidas violadas dos mais variados modos. O caso de Mohamed Bouazizi, jovem tunisiano de 26 anos, que colocou fogo em seu próprio corpo diante da pobreza e da humilhação de ter sua banca de frutas confiscada e ficar sem ter como sustentar seus irmãos e sua mãe, em decorrência de uma ação policial truculenta, em que se recusou a pagar a propina aos homens fardados, não é apenas um símbolo pueril, é uma imagem extraordinária. O fato deu início aos protestos que levaram à queda do governo de seu país e instigou a Primavera Árabe. A história de Bouazizi é a exemplificação da realidade de milhões de pessoas em todo o mundo, vulnerabilizadas pela precarização do trabalho,³ pela violência estatal, pela corrupção promovida pelo capital.

É por isso que as ruas não param de queimar⁴. Nos últimos anos, tivemos levantes no Chile, no Equador, nos Estados Unidos (Black Lives Matter), na França, no Líbano, no Brasil. As lutas por reconhecimento, envolvendo questões raciais, étnicas, de gênero, de classe, continuam diante da incapacidade (e também da indiferença) das instituições tradicionais (partidos, associações, conselhos, parte dos sindicatos, órgãos de Justiça, aparatos de segurança, casas legislativas, aparelhos administrativos) em desenvolver uma democracia efetiva, assegurando direitos e reduzindo significativamente as desigualdades. Assim, se fortalecem os movimentos fora dos circuitos tradicionais de disputa política; assim, se multiplicam e se fortalecem os coletivos.

² É evidente que movimentos amplos e impactantes como esses são analisados de diferentes maneiras; por vezes conflitantes. O argumento das guerras híbridas, por exemplo, é sempre retomado para questionar esses movimentos, atribuindo-lhes o objetivo de queda de governos, desestabilização dos Estados nacionais e conseqüente fragilização do tecido social que permite o avanço dos interesses capitalistas sobre os territórios, com conseqüências nefastas às populações. Contudo, neste artigo, não trabalhamos com concepções que negam a capacidade de articulação dos movimentos sociais como sujeitos históricos. De tal forma que, se não é possível negligenciar influências externas em processos de embate, tampouco análises dessa ordem seriam suficientes para explicar levantes caracterizados pelo descontentamento que explodem em insubordinações.

³ Para uma compreensão da precarização do trabalho, que não é possível desenvolver aqui, considerando os propósitos do artigo, recomendamos o estudo comparado envolvendo Portugal, África do Sul e Brasil, realizado por Braga (2017).

⁴ Em alusão ao artigo Quando as ruas queimam, de Vladimir Safatle (2019).

Considerando a capacidade desses movimentos em pensar e agir, em condições atravessadas por realidades paradoxais, e pensando as características relevantes das articulações sociais nas últimas décadas, é importante situarmos tais movimentos e suas feições na América Latina. Isso porque as populações e as identidades culturais e socioeconômicas encontradas no território divergem do que se encontra nos países ao norte do Equador. Como bem nos aponta Brandão (1981, p. 107):

Quando em alguma parte setores populares da população começam a descobrir formas novas de luta e resistência, eles redescobrem também velhas e novas formas de “atualizar” o seu saber, de torná-lo orgânico. Criam, por sua conta e risco, ou com a ajuda de agentes educadores eruditos, outras formas de associação como sindicatos, os movimentos populares, as associações de moradores. Esses grupos, que geram outros tipos de mestres entre as pessoas do povo, geram também outras situações vivas de aprendizagem popular. Eu não tenho dúvidas em afirmar que é entre as formas novas de participação popular, nas brechas da luta política, que, hoje em dia, surgem as experiências mais inovadoras de educação no Brasil.

Dessa forma, cabe recordar e compreender que, junto a isso, as novas tecnologias (especialmente a internet e as mídias de massa) são facilitadores na difusão das narrativas e ideários em construção pelos sujeitos, “nós das redes”, mas geralmente não são o único ou principal elemento mobilizador na geração de uma rede de movimento social, o que é referendado por Rocha (2004), ao se referir ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) no Brasil:

O MST reconhece que a internet é uma ferramenta de luta importante para os movimentos sociais da atualidade e destaca que ela permite um rompimento com o olhar da mídia tradicional que enxerga no movimento uma negação da ordem legal da sociedade; por outro lado, os sem-terra não acreditam que a internet seja a “principal” ou “única” forma de ação dos movimentos sociais deste início de século XXI. Para eles, a força de um movimento social continua sendo a sua capacidade de organização e mobilização (ROCHA, 2004, p. 45).

Esse ponto reforça os elementos constitutivos de uma rede: os vínculos sociais e pessoais, e sua capacidade de gerar mensagens de conexão, mobilização e empoderamento por meio da utilização de ferramentas virtuais passou a ser cada vez mais disseminada e definitiva para a atuação dos movimentos sociais e políticos, apesar das contradições e constantes disputas com as forças autoritárias e seus discursos de ódio.

Dessa maneira, contextualizamos a relevância e as principais características dos novos movimentos sociais no mundo e no Brasil, considerando suas implicações para a construção coletiva de uma sociedade menos desigual e mais empenhada em uma mudança efetiva na condição de vida das pessoas.

COLETIVOS EM POÇOS DE CALDAS

As diferentes formas de se experimentar a vivência democrática não atingiram apenas grandes cidades de países centrais, tampouco somente as capitais de países periféricos. Em diversos municípios, surgiram coletivos com variadas pautas de luta.

Poços de Caldas é uma cidade montanhosa, no Sul de Minas Gerais, com 163 mil habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021). A história de desenvolvimento da cidade nos remete a águas termais, senhores de terras, cassinos e indústrias. No entanto, cabe ressaltar que a desigualdade na distribuição das riquezas é também presenciada no campo político, onde majoritariamente a política institucional se fez por homens brancos, de classe econômica privilegiada e que, na memória da cidade, faz-se enfática nos arquivos, patrimônios e nomeação de bens públicos.

Assim, embora historicamente a hegemonia⁵ do Município tenha sido no destaque a determinados nomes e famílias, na seleta preservação de arquiteturas ou na oficialização de uma política orquestrada por (e para) poucos, a contradição se estabelece, e onde há narrativa da classe dominante também há expressões da classe trabalhadora. Isso porque, ainda que haja uma política oficial de cargos nomeados e que muitas vezes servem ao capital econômico e aos interesses de uma elite, há concomitante a política feita nos movimentos, nas ruas, daqueles que se organizam para planejar e pensar outras concepções de sociedade.

A fim de valorizar a história das camadas populares, contrapondo-se à história elitista, registrou-se aqui o percurso dos coletivos em Poços de Caldas, analisando-se notícias de jornais, redes sociais desses grupos bem como por meio de fontes orais, mediante entrevistas virtuais e presenciais com alguns participantes. As entrevistas se organizaram baseadas em perguntas geradoras, sob um formato no qual os entrevistados se complementavam em cada argumentação, facilitando a recuperação histórica daqueles que participaram do processo. Entre os coletivos existentes na cidade, entrevistamos, em 2021, integrantes e apresentamos no texto o Coletivo Feminista Mulheres pela Democracia⁶, Coletivo Pólis⁷ e Corrente Cultural.⁸

⁵ O pensador italiano Antonio Gramsci define hegemonia como o exercício de grupos dominantes que buscam se manter no poder e sob esse intento, utilizam-se de elementos coercitivos e de algumas concessões. Não se trata de uma imposição de uma visão de mundo, mas uma forma de influenciar a população e de organizar a sociedade com vistas a atender os princípios do grupo dominante (BOTTOMORE, 2012).

⁶ As entrevistas foram com as integrantes Edna Leite Ramos e Greice Keli Alves.

Em se tratando deste último coletivo, ele foi organizado sobretudo com os integrantes da banda poços-caldense K2, que existe desde 1998. Durante a entrevista, os músicos da banda relataram que, em diálogo com bandas em Montes Claros, foram provocados a unir grupos musicais da própria cidade, sob o entendimento de que, na união dos artistas, seria possível fortalecer a categoria e criar espaços cada vez maiores de atuação. A proposta adveio do Circuito Fora do Eixo, criado em 2005, e incentivado pelo Ministério da Cultura, no período do governo Lula e sob gestão de Gilberto Gil (2003-2008). O objetivo era a descentralização do eixo Rio-São Paulo. Os integrantes do Corrente Cultural perceberam que essa política de incentivo fomentaria a arte em cidades interioranas, como Poços de Caldas. A perspectiva não era mais de levar cultura, mas de compartilhar (BARCELLOS, DELLAGNELO, SALLES, 2014).

Esperançosos pelas possibilidades desse novo modelo, músicos, artistas e produtores culturais deram início ao Coletivo Corrente Cultural, no fim de 2009, o qual foi construído por diversos elos, unidos em busca da valorização e materialização das atividades culturais e artísticas. Isso porque, se, por um lado, a política, a economia e a educação marcaram o Corrente Cultural, num processo dialético, por outro, ele também impactou essas áreas e, por isso, cabem aqui alguns elementos de como foi esse processo.

No campo político, membros do Coletivo Corrente Cultural precisaram ressignificar suas práticas. Os entrevistados narraram que era usual os artistas não compartilharem seus contatos profissionais nem apontarem possíveis caminhos rumo ao sucesso, em uma contínua tradição competitiva (não colaborativa), a fim de receberem sozinhos os “holofotes da fama”. Sob a nova perspectiva, iniciava-se uma ação de partilha de listas de *e-mail*, com formato horizontal de decisões, valorização da autonomia dos artistas e de suas demandas, trabalho coletivo para reconhecimento e incremento do que era produzido localmente.

Assim, percebendo a necessidade de políticas públicas que incentivassem essa cultura das cidades do interior, os membros do Corrente participaram da elaboração do Plano Municipal da Cultura (Lei nº 9.144/2016), pressionaram o Executivo Municipal por transparência e impessoalidade na contratação de artistas, visando a romper com o modelo clientelista que vigorava. Para isso, compuseram o Conselho Municipal de Política em Cultura. Ademais, no ano de 2016, o Corrente elaborou uma carta de

⁷ Os entrevistados foram os integrantes Gerson Pereira Filho e Juliana Araújo.

⁸ Os entrevistados foram os integrantes Pedro César Carvalho de Moraes, Diego Ávila e Sandra Ribeiro.

propostas aos candidatos à Prefeitura. Em 2017, junto a outros coletivos, manifestou-se contrário à moção de número 25, de 2017, da Câmara Municipal, uma vez que parte dos representantes políticos locais atacava a liberdade de expressão da exposição do Queermuseu, na cidade de Porto Alegre- RS.⁹

Ao organizarem festivais, atraíam artistas da região e público, movimentando, assim, uma série de atividades econômicas, gerando trabalho e renda. Serviços de hotelaria, comércio, transporte, vendedores ambulantes, entre outras atividades, beneficiaram-se com a organização dos festivais, os quais, inclusive, tinham agenda programada. No período de carnaval, ocorria o “Grito Rock”; no mês de julho, junto com a programação do Festival de Inverno “Julho Fest”,¹⁰ ocorria o evento “Corrente Mostra”; em outubro, o evento “Manancial”, já citado; em novembro e dezembro, orquestravam o Festival “Vai Sul de Minas”, com atrações de todo o Brasil. Além dessa vasta programação anual, mensalmente eram realizadas as “Noites Fora do Eixo”, com presença de bandas locais e regionais, e articulação de parcerias com diversas instituições, como o evento “Faísca”, elaborado junto à Universidade Federal de Alfenas (Unifal). Buscando a continuidade nas atividades, havia o fortalecimento de um movimento de autogestão. Benini e Benini (*apud* BARCELLOS, DELLAGNELO, SALLES, 2014) reforçam que o Fora do Eixo, por mais que tenha elementos utópicos, também contava com meios institucionais para dar corpo a esses sonhos, diante do acesso a recursos provenientes do Estado ou empresas.

O Corrente Cultural, como coletivo precursor na cidade de Poços de Caldas, contribuiu com sua experiência, inspiração e organização com outros coletivos, seja por influência direta, mediante orientações sobre o funcionamento, seja no curso Gestão Cultural, que levou à formação de outros coletivos culturais para a cidade. Tendo em vista que não há espaço suficiente neste artigo para o detalhamento de todos os coletivos, primou-se por descrever um pouco mais sobre o Coletivo Feminista e o Coletivo Pólis,¹¹ selecionados por sua atuação e pela necessidade de fazer um recorte dos movimentos sociais presentes no Município.

⁹A exposição “Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira” reuniu obras de 85 artistas para trazer a temática de gênero e sexualidade, porém foi duramente combatida pelo Movimento Brasil Livre (MBL) e teve o prazo de exposição reduzido.

¹⁰ Evento cultural da cidade de Poços de Caldas que existe desde 1994 e ocorre no mês de julho, aproveitando o clima frio e as férias escolares, com vistas a atrair turistas e valorizar a cultura e os artistas locais. Atualmente, esse evento é denominado Festival de Inverno.

¹¹ Além de outros grupos organizados citados no decorrer do texto, temos conhecimento da existência do Coletivo Panapanã, coletivo feminista composto por alunas da PUC Minas; Coletivo Trama, sobre arquitetura e mobilidade urbana; Guarda-Chuva, incubadora e desenvolvedora de projetos sociais;

Em se tratando do Coletivo Feminista, as entrevistadas relembrou que as ações se iniciaram no segundo semestre de 2014. Segundo as integrantes, na época, várias pessoas realizavam diversas ações defendendo pautas feministas, no entanto, isso não acontecia de forma coletiva, portanto tinham seu alcance reduzido. Além disso, havia uma movimentação forte nos meios virtuais, porém não se ocupavam as ruas, ou questões de gênero não eram levadas para o campo político. Assim, um dos objetivos do coletivo é fortalecer as discussões políticas da cidade, diante da pauta feminista.

Em 2014, foi trágico o caso da funcionária pública Andrea, morta a mando do ex-companheiro (MP..., 2014), e do júri popular que absolveu um réu confesso de feminicídio (BALBINO, 2014). Diante desses e de outros casos de feminicídios brutais na cidade, o coletivo recém-formado julgou importante ocupar o espaço das ruas em repúdio à sociedade violenta e machista que se apresentava já tão sedimentada. Ano após ano, as denúncias contra a violência de gênero eram realizadas em passeatas, panfletagens e apresentações em eventos culturais, como o bloco de carnaval que criaram junto a outros grupos.

Com o tempo, as integrantes observaram que outros espaços precisavam ser ocupados, visando a diminuir a violência de gênero e a continuar a luta por políticas públicas voltadas para mulheres. Nesse sentido, o grupo articulou algumas formações de estudantes e educadores, dos quais é importante citar o “Seminário da Mulher Negra” (2015); a formação “Educação de Gênero no Espaço Escolar” (2017), uma parceria entre o coletivo, a Secretaria Municipal de Educação e a UEMG (SECRETARIA..., 2017); conversas anuais com alunos das escolas públicas sobre violência contra a mulher, leitura e estudo de conceitos feministas, em reuniões periódicas no Museu Histórico e sob mediação de uma das militantes a cada encontro (COLETIVO..., 2019).

Quanto a questões de ordem mais política, vários coletivos feministas¹² em Poços de Caldas organizaram, na cidade, o movimento “#EleNão”,¹³ que contou com mais de

Coletivo Juntos, pelo reconhecimento das diversidades, orientado pelo Partido PSOL; Levante Popular da Juventude, com pautas políticas diversas em relação aos jovens e de orientação do Partido dos Trabalhadores. Recentemente, surgiram coletivos negros, realizando reflexões e ações antirracistas, especialmente na Escola Estadual David Campista e no *campus* da UEMG Poços de Caldas. Outro coletivo atual é o LGBTQIAPN+ que atua pela visibilidade para a diversidade.

¹² Para essa manifestação, estiveram presentes os Coletivos Jaçanã Musa dos Santos, do qual as entrevistadas faziam parte, Marielle Franco (Coletivo de Mulheres do Instituto Federal) e Panapanã (Coletivo de Mulheres da PUC Minas Poços de Caldas), bem como representantes de outros movimentos sociais e partidos políticos.

¹³ O evento #EleNão ocorreu em várias cidades brasileiras e foi organizado principalmente por grupos de mulheres, no ano de 2018, com vistas a mostrar repúdio ao então candidato Jair Bolsonaro, que tinha declarações misóginas, homofóbicas e contrárias aos direitos humanos.

3 mil pessoas (BISPO, 2018). Foi a partir desse momento que passou a existir o Coletivo Feminista Mulheres pela Democracia, com a participação de mulheres que atuavam em outros coletivos da cidade e que julgavam importante um grupo mais central para uma articulação maior. Esse coletivo organizou um ato em homenagem a Marielle Franco, na Câmara Municipal, nos anos de 2018 e 2019 (BISPO, 2019), com falas de militantes representando diversos segmentos, trazendo à tona a sensibilidade da perda de uma mulher de grande destaque na política e, ao mesmo tempo, reforçando a importância da mulher nesse espaço, sem deixar de mencionar os dificultadores para sua entrada e permanência.

Em 2020 o Coletivo Mulheres pela Democracia elaborou uma carta ao prefeito, com propostas em relação ao controle da pandemia. O texto foi assinado por diversos outros coletivos, numa busca pelo isolamento social atrelado a um Estado provedor nos mais diversos setores. No mesmo ano, o Coletivo entregou aos candidatos à Prefeitura um documento de políticas públicas que se comprometessem com as questões de gênero e discutiu a proposta descabida de vereadores que propunham a supressão do termo “igualdade de gênero” dos documentos da Câmara.

Buscando uma proximidade maior com mulheres em situação de vulnerabilidade social, em 2020 e 2021, panfletos com os números de telefone pessoais das integrantes do coletivo foram distribuídos junto às cestas básicas nas Ações da Cidadania.¹⁴ Já em 2021, o Coletivo Mulheres pela Democracia entregou *kits* de higiene, com inclusão do item absorvente íntimo (COLETIVO..., 2021).

Revisitando a história do coletivo, as entrevistadas lembraram vários momentos importantes para o grupo, percebendo a força que o movimento vem construindo dentro da sociedade, e compreendem também o quanto cresceram e se humanizaram por meio das ações realizadas.

O Coletivo Pólis nasceu em 2017, naquele momento os debates sobre políticas públicas impulsionaram sua criação, realizados nas aulas de Filosofia, em pós-graduação e graduações na Pontifícia Universidade Católica (PUC Minas, *campus* Poços de Caldas), em que parte do conteúdo em Filosofia tratava da questão do direito à cidade. Havia uma certa percepção do pessimismo dos estudantes com as organizações

¹⁴ Trata-se de um movimento social nacional, fundado em 1993 pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. Em momento de pandemia, esse grupo contribuiu para a entrega de milhares de cestas básicas. Poços de Caldas foi uma das cidades que contaram com essa iniciativa.

políticas formais estabelecidas na época e uma descrença nas estruturas partidárias convencionais, o que não invalidava a vontade de participar de decisões de caráter público.

Para potencializar esse envolvimento no cenário local, surgiu a ideia do Coletivo Pólis, no cuidado com a cidade em geral. Professores universitários, estudantes, entre várias pessoas, compuseram o coletivo, muitos com experiência em uma militância política ou com trajetórias em partidos políticos. Dessas conversas, houve um avanço na mobilização. Em 13 de maio de 2017, para a fundação do coletivo, reuniram-se mais de cem pessoas no espaço Cultural da Urca.

As ações do Coletivo Pólis caminharam em diversas frentes, como o envio de várias cartas a setores públicos, com sugestões sobre diversos aspectos da cidade, entre eles reivindicação de programações culturais e educativas na rádio pública local, engajamento na promoção de diálogos mais democráticos entre diversos setores e agentes sociais, manifestações contra aumentos tributários locais, defesa do transporte coletivo de qualidade, revitalização turística e sugestão de ações públicas durante o período pandêmico. Além da defesa de direitos humanos, o coletivo também se posicionou pela proteção do meio ambiente, com propostas de revitalizações de rios e/ou pressão para que mineradoras não explorassem áreas protegidas ambientalmente (CBA..., 2017).

Outra importante ação foi a organização de um encontro com diversos coletivos, partidos e sindicatos para discussão sobre os ataques neoliberais nas políticas públicas. O evento ocorreu em abril de 2019 e contou com a presença dos coletivos Pólis, Educação, Panapanã, Marielle Franco, Chico Rei, Corrente Cultural, Sindserv, militantes da Rede, PSOL, PT, PCdoB, Planeta Solidário, Casa da Árvore, Recriando, A Cidade que Engole Rios, Coletivo Negro, Aliança em prol da APA da Pedra Branca, Educafro, Mulheres pela Democracia e Metabase. Os entrevistados ressaltaram que muitas propostas elaboradas ao Executivo foram aproveitadas.

O Pólis mantém e movimenta suas páginas em redes sociais e uma página intitulada “Fórum Coletivo Pólis”, um espaço muito heterodoxo, inteiramente aberto e irrestrito, que conta com mais de 7 mil seguidores. Além disso, em 2021, foi criado o PólisCast (Podcast do Coletivo Pólis), com vários episódios disponíveis em diversas plataformas e com proposta de dialogar sobre a cidade. Ademais, alguns jovens de Cabo Verde, Município de 14 mil habitantes, que fica a cerca de 50 km de Poços de Caldas, criaram uma extensão do Coletivo Pólis, fundando o Coletivo Pólis Cabo Verde.

Em entrevista concedida por dois integrantes, eles deixaram claro que o coletivo não é apartidário, mas suprapartidário, progressista à esquerda. A compreensão é de que, diante da expansão das cidades, as classes econômicas desfavorecidas são segregadas cada vez mais e é importante, portanto, que haja essas iniciativas para se pensar um planejamento de cidade que se faça sustentável e democrático.

No fazer histórico, desenvolveram-se as ações políticas dos coletivos. Pesquisaram-se e discutiram-se os avanços, as conquistas, as dificuldades e os entraves encontrados pelos grupos, bem como quais foram as estratégias adotadas, seus processos de organização e mobilização. Esses processos permeiam suas lutas e contribuem, de modo fundamental, para entendermos diversas dimensões das ações político-sociais desses grupos na cidade, diante da realidade do Município, bem como de questões nacionais e globais.

Os coletivos (re)inventam importantes formas de fazer sua voz ser ouvida nos diferentes cercos de tomadas de decisões, favorecendo ainda a construção de vínculos e conexões entre diferentes grupos populares. Fica evidente que a força da ação coletiva só é efetiva quando direcionada. E, em Poços de Caldas, o Coletivo Educação caminha e avança junto a muitos outros coletivos.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A educação pública em Poços de Caldas tem, obviamente, as marcas de sua história. Em 1897, a cidade tinha quatro escolas: duas públicas e duas particulares (CHAVES; RESENDE, 2005). A cidade conta atualmente com 43 centros de educação infantil, 26 escolas municipais, 10 estaduais e 20 escolas da rede privada, além de centros de educação especializada (APAE, ADEFIP, entre outros), que atendem cerca de 20 mil crianças e adolescentes, com mais de 1.500 professoras e professores na ativa. Apesar de a cidade ter bons números, considerando os dados da realidade brasileira, os desafios são muitos e cotidianos.

Os movimentos de rua de 2013, a relação fragilizada dos educadores poços-caldenses com os sindicatos, a aproximação com o Coletivo Corrente Cultural, além da leitura de uma entrevista com Rui Canário¹⁵ foram provocações que fizeram com que

¹⁵ No livro *A escola e os desafios contemporâneos*, de Viviane Mosé (2013), o educador português afirma que a Escola da Ponte se tornou uma referência em educação, a partir de um coletivo de professores liderados por José Pacheco.

um grupo de professores cogitasse um coletivo em Poços de Caldas. Assim, um grupo de professores se reuniu em janeiro de 2015, na Biblioteca Pública Municipal da Urca, para uma primeira reunião do que passou a denominar-se Coletivo Educação de Poços de Caldas.

O Coletivo Educação passou a se reunir periodicamente, agrupando propostas efetivamente progressistas para a educação. Entre estudos teóricos e debates sobre o cotidiano vivenciado nas escolas, o coletivo ganhou força e novos adeptos. Nesse primeiro ano, uma das ações do coletivo que chamaram a atenção de educadores do Município foi a palestra “Paulo Freire, o menino que lia o mundo”, do professor Carlos Rodrigues Brandão, em 18 de setembro, que reuniu aproximadamente 500 pessoas no Salão Sul da Urca. Esse evento significou a apresentação para a sociedade do Coletivo Educação, seu batismo social. A presença e os ensinamentos do prof. Brandão foram, portanto, fundantes para esse movimento social e seguem como referências imprescindíveis.

A partir daí, a trajetória do Coletivo Educação é marcada por encontros dialógicos, reflexões com base em estudos e leituras críticas, compartilhamentos, simultaneamente a vivências, práticas e ações no Município. Dessa forma, todos os objetivos, pautados em uma carta de apresentação, passam pela utopia de se construir um lugar de reflexão e estudos sobre a educação municipal, estadual e nacional, e apresentar propostas de debates sociais com professores da educação básica no Município. Ou seja, implantar de fato uma educação progressista que reivindique práticas críticas e reflexivas, e aprendizagens significativas.

O grupo busca e se baseia em referências e experiências de organizações e espaços educativos formais e não formais, democráticos, progressistas, inovadores em educação popular, como aprendemos com o prof. Brandão. Nessa perspectiva, em 2015, realizou uma visita à Escola Nacional Florestan Fernandes, escola do MST em Guararema-SP, um espaço construído pela classe trabalhadora e referência internacional por unir a prática e a teoria política. Em 2017, conheceu o Projeto Âncora, em Cotia-SP, hoje Cidade Âncora. Nessa instituição, o processo de ensino e aprendizagem é guiado por uma educação para a cidadania e para a autonomia dos estudantes, além de ser uma escola inovadora, democrática e estruturada com base em assembleias.

Com o intuito de favorecer a mais profissionais da educação e interessados a possibilidade de participar desses encontros e promover o debate sobre uma educação transformadora, o coletivo se movimenta para oferecer cursos, oficinas e palestras. Para

tanto, mobilizou diversas palestras, participou de eventos na área educativa e produziu cursos com temas relevantes para uma educação pública de qualidade. Em 2016, reuniu mais de 400 pessoas no Salão Norte da Urca com a palestra “Educação humanizadora: múltiplos olhares”, do professor José Pacheco.

Ainda com a perspectiva de ganhar espaço e visibilidade, o coletivo participou do I Congresso Nacional de Educação de Poços de Caldas, da GSC Eventos, com a mesa “Educação democrática e projetos: por proposições e práticas não abjetas”. No mesmo ano de 2017, realizou um minicurso na XVI Semana de Bioestudos (USP *campus* Ribeirão Preto-SP): “Educação democrática e projetos”. Já em 2019, promoveu o minicurso “Educação e democracia contra a barbárie”, em parceria com o Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas, em quatro encontros, estudando e debatendo a obra *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*, organizada por Fernando Cássio (2019). Essa ação foi concluída no formato *on-line*, por causa da eclosão da pandemia de covid-19. Em 2021, organizou outro minicurso, dessa vez, integralmente de forma remota, por meio de rodas de conversas, com o estudo da obra *Política e educação*, do educador Paulo Freire (1993).

As ações do coletivo perpassam o desejo de discutir e estimular formas de educação não escolar, questionando a lógica da educação autoritária e neoliberal, de forma contextualizada, em diálogo com a população e as problemáticas vigentes. Foi assim que, em 2020 e 2021, durante a pandemia de covid-19 e com a necessidade da continuidade dos planejamentos e de fortalecer o vínculo e propósito social do coletivo, que este se apropriou das tecnologias e meios digitais em favor das manifestações de luta em defesa da escola laica, pública e de qualidade, levantando como pauta urgente a democratização de acesso agora não só à educação, mas também à internet e à alimentação. A princípio, por meio de *lives* transmitidas pelas redes sociais e programas de tevê e rádio, com a intenção de alcançar a maioria da população. Os temas abordados e discutidos foram a pedagogia de Paulo Freire, educação e convivência na pandemia, gênero na escola, educação pública e política, ensino híbrido e a participação das famílias na educação, e pedagogia de Hannah Arendt. Foram, ao todo, nove *lives* entre 2020 e 2022, com visualizações que giraram em torno de 950 por *live*, na plataforma usada para divulgação.

O coletivo vem experimentando, desde 2020, a produção dessas reflexões e discussões por meio de um *podcast*, o Território Coletivo Educação, disponibilizado no Spotify. Esse formato veio de uma necessidade de explorar os temas abordados nas *lives*

e escutar múltiplas perspectivas, além de expandir o entendimento do cenário educativo de Poços de Caldas e seus desdobramentos no âmbito público e privado. Entre as pautas discutidas nas temporadas do Território Coletivo Educação, contando com a participação de diversos convidados, tivemos o novo Fundeb; Dia Internacional da Mulher; educação antirracista; educação contra o fascismo; saúde emocional para os profissionais da educação; pedagogia contra a banalidade do mal (com base na obra de Hanna Arendt); educação durante a pandemia; análise das propostas para a educação nos planos de governo dos candidatos à Prefeitura da cidade. Os episódios alcançam educadores e estudantes também fora de Poços de Caldas.

Durante o processo eleitoral de 2016 e de 2020, o coletivo apresentou aos candidatos a prefeito uma carta com propostas para a educação municipal. Em 2020, essas propostas foram apresentadas aos nove candidatos ao Executivo Municipal, por meio de um encontro virtual promovido pelo coletivo. Como continuidade desse trabalho, nas semanas seguintes, membros do coletivo retomaram o contato com os candidatos, em busca da assinatura da carta “Compromisso com a Educação”, documento no qual os candidatos se comprometiam a, se eleitos, cumprir as propostas apresentadas. Nas duas ocasiões, a maioria dos candidatos assinou. Em 2020, o prefeito, que à época tentava a reeleição (e obteve êxito), apesar de algumas ponderações, assinou a petição (BISPO, 2020).

O Coletivo Educação conseguiu retomar as reuniões presenciais no dia 25 de setembro de 2021, após um ano e meio em distanciamento por causa da pandemia de covid-19. Em meio a isso, foram diversos os desafios e intervenções do coletivo. Em um primeiro momento, posicionou-se, mediante nota e carta de proposições, assinada também por outros movimentos, sindicatos e instituições, ao Poder Público, com elementos importantes de serem observados para o ensino remoto emergencial e, depois, para o retorno após medidas de restrições, participando também de audiência pública sobre essa temática na Câmara Municipal (AUDIÊNCIA..., 2021). No fim de 2021, organizou-se para compor o Conselho Municipal de Educação (CME), no entendimento de agir propositalmente na política pública da cidade. Assim, após o processo de eleição junto à sociedade, o coletivo conseguiu eleger sete integrantes ao Conselho.

Em se tratando de ações diretamente vinculadas ao terreno educacional, elaborou uma campanha sobre o cuidado do uso de imagem de crianças e adolescentes (2023) e realizou uma palestra na Feira do Livro da Cidade, com a presença do professor Vitor

Paro, na apresentação de seu livro *Capital para educadores*. No que tange à formação com professores, membros do Coletivo estiveram em duas escolas estaduais, com três encontros em cada, discutindo sobre educação antifascista, no qual abordou conceitos primordiais e processo histórico para o entendimento do fascismo; gestão democrática e linguagens artísticas como elemento dialógico com a política e a sociedade; e discussões raciais e de gênero para a defesa dos direitos humanos.

Após o aumento da violência nas escolas pelo País e com o infeliz caso local, em uma escola particular da cidade, que culminou com a morte de um estudante de 14 anos, houve a manifestação por parte do prefeito, dizendo ser um caso isolado. Isso foi questionado pelo coletivo, pois, seis meses antes, o Conselho Municipal de Educação apresentou um conjunto de propostas que não foram cumpridas. Nesse sentido, o coletivo se posicionou sobre os ataques às escolas por meio de entrevistas e ato em frente à Câmara Municipal. O ato, que reuniu algumas dezenas de pessoas, teve como título “Pela paz nas escolas: não foi um caso isolado, educação exige cuidado!” (COLETIVO..., 2023).

CONCLUSÃO

O cuidado com as pessoas e com os territórios que nos permitem viver e nos construirmos como seres humanos, por meio da educação, com a valorização essencial dos direitos e dos afetos, foram ensinamentos que o professor Carlos Rodrigues Brandão compartilhou com sabedoria. Não seria exagero dizer que Brandão foi uma espécie de padrinho ilustre do Coletivo, de maneira não formal e sincera, como ele sempre preferia. Tanto que, em 2015, escreveu em *e-mail* enviado aos colegas que compartilhavam a casa Rosa dos Ventos, situada em Caldas, com os seguintes dizeres:

A todas as pessoas que residem por algum ou muito tempo na ROSA DOS VENTOS, que residiram nela e podem voltar algum dia, ou que estão sempre presentes aqui. Estou vindo de uma rodada de encontros em Buenos Aires e em Lujan, na Argentina. Mas nada do que eu vivi lá me tocou tanto quanto o que eu vivi na noite de anteontem na URCA, em Poços de Caldas. Foi uma noite de encontro entre pessoas ligadas à educação. Um encontro de iniciativa do Coletivo Educação, coordenado por Fernanda Rezende, que já foi moradora da Rosa dos Ventos. Em uma noite de sexta-feira eu me preparei para uma breve fala ao redor de umas 15 pessoas. Um salão com 300 cadeiras estava totalmente ocupado, e havia pelo menos umas 100 pessoas de pé. Revivi em Poços de Caldas o que costumo viver em lugares bem longe daqui, como a Bahia, para onde estou indo quarta-feira, em mais um “encontro de educadoras/es”, ou Belém do Pará, ou a Colômbia, para onde irei logo depois (BRANDÃO, 2015, *e-mail* pessoal).

Historicamente, os movimentos sociais sempre existiram, e provavelmente sempre existirão, se pensarmos neles como organização de forças sociais, tendo em vista que reúnem pessoas não como uma espécie de força-tarefa, destacada por números vultosos, mas como campo de experimentação e luta social.

Assim, fazem-se assertivas as análises de Touraine (2002), ao afirmar que os movimentos são o coração, o pulsar da sociedade. Eles expressam energias de resistência ao velho que oprime ou de construção do novo que liberta. Energias sociais antes dispersas são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas em “fazer propositivos”.

Nossa pesquisa evidencia a dedicação e o compromisso dos coletivos retratados na cidade de Poços de Caldas, imbuídos na luta por projetos políticos alternativos, sob o entendimento de que garantir direitos civis e políticos por si só é insuficiente na busca por um projeto democrático popular. É preciso um esforço coletivo para dismantelar o *status quo* atual e seguir construindo novas possibilidades.

As intervenções do Coletivo Educação fomentam a participação popular na construção da educação democrática e propõe debates que ressaltam a necessidade de se refletir sobre o espaço escolar envolvendo a comunidade, o que ficou evidente nos assuntos e formas de comunicação e diálogo utilizados pelo grupo.

Há muitos problemas a serem enfrentados. Para isso, é necessário mudar a cultura política de nossa sociedade, ainda fortemente marcada pelo clientelismo, fisiologismo e várias outras formas de corrupção. Contribuir para o fortalecimento de uma cultura cívica de respeito pelos direitos e deveres dos indivíduos e coletividades.

Quando as pessoas se unem em torno de uma causa comum e se organizam para lutar por seus direitos, elas exercem ativamente sua cidadania e contribuem para o fortalecimento de instituições democráticas. É preciso se organizar diante de uma sociedade cada vez mais conservadora, autoritária, desmobilizada e individualista, tornando-se ainda mais efetivos em suas diversas frentes e ações. Para essa mobilização e construção, melhor do que um coletivo, é existirem muitos.

REFERÊNCIAS

AUDIÊNCIA Pública - Retorno às aulas no Município de Poços de Caldas. Poços de Caldas: **Câmara Municipal de Poços de Caldas**, 10 mar. 2021. 1 vídeo (264 min).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-KKRGxAPzE>. Acesso em: 28 jan. 2024.

BALBINO, Jéssica. Manifestantes deixam camisa suja de ‘sangue’ no Fórum de Poços, MG. **G1 Sul de Minas**, Poços de Caldas, 1º ago. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/08/manifestantes-deixam-camisa-suja-de-sangue-no-forum-de-pocos-mg.html>. Acesso em: 17 out. 2021.

BARCELLOS, Rebeca de Moraes Ribeiro; DELLAGNELO, Eloise H. Livramento; SALLES, Kuerten de. Práticas organizacionais e o estabelecimento de lógicas de equivalência: o Circuito Fora do Eixo à luz da teoria política do discurso. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 684-697, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rausp/a/nfbFq9ZHfbPJFHsyrXMzVhH/?lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2021.

BATALHA de Seattle. Produção de Mary Aloe. Direção de Stuart Townsend. Alemanha, Canadá, Estados Unidos. Hyde Park Entertainment; Insight Film Studios, 2007. DVD (100 min).

BISPO, Roni. Ato em homenagem a Marielle Franco é realizado em Poços. **Poços Ponto Com**, Poços de Caldas, 15 mar. 2019. Disponível em: <https://pocoscom.com/ato-em-homenagem-a-marielle-franco-e-realizado-em-pocos/>. Acesso em: 17 out. 2021.

BISPO, Roni. Coletivo Educação entrega propostas aos candidatos a prefeito de Poços. **Poços Ponto Com**, Poços de Caldas, 12 set. 2020. Disponível em: <https://pocoscom.com/coletivo-educacao-entrega-propostas-aos-candidatos-a-prefeito-de-pocos/>. Acesso em: 28 jan. 2024.

BISPO, Roni. Mulheres saem às ruas em manifesto contra presidenciável em Poços de Caldas. **Poços Ponto Com**, Poços de Caldas, 30 set. 2018. Disponível em: <http://pocoscom.com/mulheres-saem-as-ruas-em-manifesto-contrapresidenciavel-em-pocos-de-caldas/>. Acesso em: 17 out. 2021.

BRAGA, Ruy. **A rebeldia do precariado**: trabalho e neoliberalismo no Sul global. São Paulo: Boitempo, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos, 20).

CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CBA suspende processo de licenciamento para mineração na serra. **Portal Onda Sul**, Carmo do Rio Claro, 18 dez. 2017.

CHAVES, Ana Maria de Mendonça; RESENDE, Fernanda Mendes. “Villa de Poços, 1893”: história e memória de Poços de Caldas. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais** [...]. São Paulo: ANPUH, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206372_7a01a70110f087e02084bf9b5635225a.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.

COLETIVO Educação realiza ato público pela paz nas escolas. **Poços Já**, Poços de Caldas, 16 out. 2023. Disponível em: <https://www.pocosja.com.br/2023/10/16/coletivo-educacao-realiza-ato-publico-pela-paz-nas-escolas/>. Acesso em: 28 jan. 2024

COLETIVO Mulheres pela Democracia promove “Encontros Feministas”. **Jornal Mantiqueira**, Poços de Caldas, 14 out. 2019.

COLETIVO Mulheres pela Democracia realiza campanha de kit de higiene. **Jornal Mantiqueira**, Poços de Caldas, 14-15 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

GOHN, Maria da Glória. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/RS3GPtZ4kHcBH4ZqQgYtmsJ/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2021.

GOHN, Maria da Glória. De Seattle a Gênova: uma radiografia dos movimentos antiglobalização. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 jan. 2002. Caderno Mais. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2701200209.htm>. Acesso em: 10 dez. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Poços de Caldas**: população. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/pocos-de-caldas.html>. Acesso em: 28 jan. 2024.

LEAL, Bruno. A Batalha de Seattle: um marco do movimento antiglobalização. **Café História**, Brasília, 10 dez. 2019. Disponível em: <http://www.cafehistoria.com.br/a-batalha-de-seattle-antiglobalizacao/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MP oferece acordo e audiência de ‘João Papelão’ é suspensa em Poços. **G1 Sul de Minas**, Poços de Caldas, 29 maio 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/05/mp-oferece-acordo-e-audiencia-de-joao-papelao-e-suspensa-em-pocos.html>. Acesso em: 17 out. 2021.

ROCHA, Maria Neblina Orrico. **Discurso e internet**: o caso do MST. Universidade de Brasília (UnB). *In*: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra.

SAFATLE, Vladimir. Quando as ruas queimam. **El País**, s.l., 24 out. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/24/opinion/1571927043_413656.html. Acesso em: 16 set. 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SECRETARIA da Educação e movimentos sociais de Poços realizam ciclo de palestras e oficinas para discutir sobre a questão de gênero. **TV Poços**, Poços de Caldas, 9 mar. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/typocos/videos/1242627765836246>. Acesso em: 17 out. 2021.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Tradução de Elia Ferreira Edel. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

(Recebido em fevereiro de 2024; aceito em fevereiro de 2024)